


PROBABILIDADE DE FECHAMENTO DE EMPRESAS NO BRASIL



RODRIGO VIEIRA MIRANDA
MEU TUDO

Probabilidade de Fechamento de Empresas no Brasil: Análise de Sobrevivência e Fontes de Dados (2010-2025)

Visão Geral da Sobrevivência de Empresas no Brasil

A taxa de sobrevivência de empresas brasileiras diminui consideravelmente nos primeiros anos após a abertura. Estudos do IBGE mostram que **menos da metade das empresas permanece ativa após cinco anos de operação**[static.poder360.com.br](https://static.poder360.com.br/exame.com). Essa mortalidade é especialmente alta entre negócios de menor porte: empresas com poucos funcionários tendem a fechar em proporção maior que empresas maiores. Por outro lado, companhias de **porte médio e grande (acima de 50 funcionários)** apresentam taxas de sobrevivência mais elevadas, refletindo maior resiliência operacionalstatic.poder360.com.br. A seguir detalhamos a probabilidade de encerramento em diferentes horizontes de tempo e os fatores que influenciam a longevidade empresarial, bem como as fontes de dados disponíveis para esse tipo de análise no Brasil.

Probabilidade de Fechamento entre 1 e 5 Anos de Atividade

Os primeiros cinco anos representam o período de maior risco para a continuidade de uma empresa. De acordo com a pesquisa **Demografia das Empresas** do IBGE, apenas **37,3% das empresas nascidas em 2017 sobreviveram até 2022**, ou seja, cerca de 62,7% encerraram as atividades em até cinco anos[exame.comstatic.poder360.com.br](https://static.poder360.com.br/exame.com). Essa probabilidade de fechamento, entretanto, varia conforme o porte inicial da empresa: negócios maiores tendem a sobreviver mais. Dados do IBGE revelam uma **relação direta entre tamanho (número de funcionários) e taxa de sobrevivência**static.poder360.com.br. A tabela abaixo exemplifica as taxas de sobrevivência de empresas empregadoras nascidas em 2017, segmentadas por porte de pessoal no nascimento:

Porte da empresa (nº de assalariados)	Sobrevivência após 1 ano	Sobrevivência após 5 anos
Micro (1 a 9 assalariados)	75,1%	35,9%
Pequena (10 a 49 assalariados)	90,8%	55,4%
Média/Grande (50 ou mais assalariados)	92,0%	60,9%

Fonte: IBGE, Demografia das Empresas 2022static.poder360.com.br.

Como se observa, **empresas com mais de 50 funcionários apresentaram cerca de 60,9% de sobrevivência após cinco anos**, enquanto microempresas (até 9

empregados) tiveram apenas 35,9% static.poder360.com.br. Em outras palavras, uma empresa de porte médio/grande (50+ funcionários) teve aproximadamente **39% de probabilidade de encerrar as atividades em até 5 anos** (100% – 60,9%), ao passo que uma microempresa enfrentou um risco muito maior (~64% de chance de fechamento em cinco anos).

Essa diferença de sobrevivência por porte também é corroborada por estudos do Sebrae focados em pequenos negócios. Segundo um levantamento do **Sebrae (2018-2021)**, entre os **Pequenos Negócios**:

- Microempreendedores Individuais (MEI) tiveram a maior mortalidade, com **29% fechando em até 5 anos**;
- Microempresas (ME) tiveram mortalidade intermediária, com **21,6% fechando em 5 anos**;
- Empresas de Pequeno Porte (EPP) exibiram a menor mortalidade nesse grupo, com **17% encerrando em 5 anos** sebrae.com.br.

Vale destacar que esses percentuais do Sebrae referem-se somente ao universo das micro e pequenas empresas formais, e são inferiores às taxas observadas pelo IBGE para o conjunto total das empresas (que incluem também negócios sem empregados e de diversos portes). Ainda assim, confirmam a tendência de que empresas maiores dentro do segmento de pequenos negócios sobrevivem mais (as EPPs tiveram ~83% de sobrevivência em 5 anos, vs ~71% dos MEIs) sebrae.com.br.

Probabilidade Anual de Fechamento após 5 Anos

Empresas que ultrapassam os cinco primeiros anos tendem a se estabilizar, mas **ainda existe um risco anual de fechamento**, embora geralmente menor do que no início. De modo geral, a **taxa anual de mortalidade diminui conforme a empresa envelhece**, mas não chega a zero. Por exemplo, acompanhando o mesmo cohort de empresas de 2017 nos anos subsequentes, observa-se que a sobrevivência cai de 37,3% no quinto ano para níveis ainda menores em anos posteriores downloads.fipe.org.br. Estudos longitudinais indicam que:

- **Apenas cerca de 22% das empresas sobreviveram até 10 anos** no Brasil (coorte de 2009 até 2019) downloads.fipe.org.br. Ou seja, quase 80% encerraram as atividades dentro de uma década.
- Considerando o intervalo de 5 a 10 anos de existência, houve uma redução adicional de sobrevivência de aproximadamente 18 a 20 pontos percentuais (de ~41% aos 5 anos para ~22% aos 10 anos, no cohort de 2009) downloads.fipe.org.br downloads.fipe.org.br.

Em termos anuais, isso sugere uma **probabilidade média de fechamento em torno de 5% a 10% ao ano para empresas já estabelecidas há mais de 5 anos**. Na prática, a taxa de fechamento anual de empresas maduras varia conforme condições econômicas e setoriais, mas gira em um dígito baixo. Por exemplo, em 2021 – ano atípico de recuperação pós-crise – a taxa de saída foi a menor da série histórica do IBGE (desde 2008), com **11,7% das empresas saindo do mercado naquele ano**agenciadenoticias.ibge.gov.br. Em 2022, a taxa geral de mortalidade de unidades locais empregadoras ficou em **9,2%**exame.com. Esses percentuais anuais incluem empresas de todas as idades; para aquelas com mais tempo de operação, a mortalidade tende a ser um pouco menor que a média nacional, já que muitos negócios mais vulneráveis já fecharam nos primeiros anos.

Para empresas de **porte médio/grande (50+ funcionários)**, especificamente, a probabilidade anual de fechamento após os 5 anos iniciais é relativamente baixa. Embora não haja no relatório do IBGE a taxa ano-a-ano após o quinto ano segmentada por porte, podemos inferir que o risco anual para essas empresas estabelecidas é de poucos pontos percentuais. Por exemplo, usando dados históricos: das empresas médias/grandes nascidas em 2012, cerca de **60% sobreviveram 5 anos e aproximadamente 45-50% chegaram a 10 anos** (estimativa baseada na tendência geral) – o que implica um declínio adicional de ~10-15 pontos percentuais entre o 5º e o 10º ano, distribuído ao longo de cinco anos (média ~2-3% ao ano de mortalidade para as sobreviventes pós-5º ano). Em suma, **uma empresa com mais de 5 anos de operação e de grande porte enfrenta um risco anual de fechamento significativamente menor do que aquele dos primeiros anos, porém não desprezível** (possivelmente em torno de 3-5% ao ano, dependendo do setor e do período econômico).

Fatores que Influenciam a Sobrevivência das Empresas

Vários fatores determinam a probabilidade de uma empresa encerrar suas atividades. Entre os principais estão o **tempo de operação**, o **porte/recursos da empresa** (medidos por número de funcionários e faturamento), o **setor de atuação** e a **localização geográfica**. A seguir, exploramos como cada um desses fatores influencia as taxas de sobrevivência:

- **Tempo de operação (idade da empresa):** Este é um fator fundamental. **Quanto mais jovem a empresa, maior o risco de fechamento**, conforme discutido. Os primeiros anos apresentam as maiores taxas de mortalidade, com uma melhoria gradual na sobrevivência relativa à medida que o negócio se consolidadownloads.fipe.org.br. Muitas empresas fecham por não superarem a fase inicial de estabelecimento no mercado, enfrentando desafios de gestão, capital de giro e aceitação do produto/serviço. As que sobrevivem além de 5 anos já passaram por essa triagem natural e

costumam ter modelos de negócio mais sólidos, o que reduz o risco de falência anual. Entretanto, mesmo empresas antigas podem fechar devido a mudanças de mercado, novas tecnologias ou má gestão, de modo que o risco nunca é zero.

- **Porte da empresa (número de funcionários e faturamento):** Porte maior geralmente significa mais recursos financeiros e organizacionais, o que aumenta a resiliência. Os dados do IBGE mostram claramente que **empresas de maior porte têm taxas de sobrevivência superiores** static.poder360.com.br. Uma empresa com >50 empregados, em média, tem bem mais chance de se manter ativa do que uma microempresa. Empresas maiores costumam ter acesso mais fácil a crédito, melhores práticas de gestão e economias de escala, fatores que as ajudam a enfrentar crises. O faturamento está correlacionado com o porte – negócios de maior receita tendem a sobreviver mais, pois possuem fluxo de caixa para suportar períodos de dificuldade. Segundo o Sebrae, dentro do universo de pequenos negócios, as empresas de pequeno porte (EPP, com faturamento anual até ~R\$4,8 milhões) tiveram a menor taxa de mortalidade em 5 anos (17%), comparadas às microempresas (21,6%) e MEIs (29%) sebrae.com.br. Ou seja, mesmo entre pequenos, aqueles com faturamento e estrutura um pouco maiores mostram maior longevidade.
- **Setor de atuação (CNAE):** O ramo de atividade influencia fortemente a sobrevivência, pois alguns setores são mais competitivos ou mais voláteis que outros. De modo geral, **comércio e serviços simples apresentam mortalidade mais alta**, enquanto **indústrias e serviços especializados tendem a ter sobrevivência maior**. Por exemplo, o comércio lidera tanto em número de novas empresas quanto em encerramentos – reflexo de alta concorrência e baixas barreiras de entrada. Dados do Sebrae indicam que no setor de **Comércio cerca de 30,2% das empresas fecham em até 5 anos**, a maior mortalidade setorial observada, enquanto na **indústria extrativa apenas 14,3% fecham nesse período**, indicando maior estabilidade sebrae.com.br. No estudo do IBGE para as empresas nascidas em 2017 (com acompanhamento até 2022), as **maiores taxas de sobrevivência após 5 anos** foram observadas em setores como **Eletricidade e Gás (58,0% de sobreviventes), Saúde humana e serviços sociais (54,7%), Informação e comunicação (43,8%), Educação (43,7%) e Atividades imobiliárias (43,5%)** static.poder360.com.br. Esses setores geralmente exigem alto capital ou qualificação, o que cria barreiras de entrada e reduz a concorrência direta, favorecendo a longevidade. Por outro lado, **as menores taxas de sobrevivência em 5 anos** observaram-se em **Construção (26,2%), Alojamento e Alimentação (aprox. 30,6%),**

Outras atividades de serviços pessoais (30,8%), Transporte e armazenagem (34,3%) e Artes, cultura e recreação (34,6%)

static.poder360.com.br. Setores como alimentação/hospedagem e construção civil são muito sensíveis a condições econômicas, apresentam muitos entrantes e sofrem forte concorrência de preços, o que eleva a mortalidade. Diferenças setoriais também aparecem em análises de 10 anos: por exemplo, usando dados da Receita Federal de empresas abertas em 2014 e acompanhadas até 2024, verificou-se que o setor de **Eletricidade tinha cerca de 78% de sobrevivência após 10 anos, enquanto Alimentação e Hospedagem apenas 39%**datlo.com. Em suma, **segmentos mais competitivos ou dependentes do consumo discricionário (como comércio varejista e alimentação) exibem menor longevidade**, ao passo que segmentos ligados a utilities, saúde ou educação (muitas vezes com demanda estável ou contratos de longo prazo) mostram empresas mais longevas.

- **Região/Localização:** A localização geográfica influencia o ambiente de negócios e, conseqüentemente, a sobrevivência das empresas. Fatores regionais como renda local, acesso a mercados, infraestrutura e apoio governamental podem afetar o sucesso do empreendimento. No Brasil, de acordo com o IBGE, existe **uma diferença notável entre regiões: as empresas nascidas nas regiões Sul e Sudeste tendem a sobreviver mais** do que aquelas no Norte e Nordeste. Por exemplo, considerando as empresas iniciadas em 2009, **após cinco anos, apenas 35,6% das empresas do Norte sobreviviam, contra 44,0% no Sul**downloads.fipe.org.br. Essa tendência persiste em outras coortes; a Região Sudeste usualmente apresenta a maior taxa de sobrevivência, enquanto Norte e Centro-Oeste apresentam as menores. Uma possível explicação é que regiões mais desenvolvidas economicamente oferecem um mercado consumidor maior, melhor acesso a financiamento e serviços de apoio empresarial, além de infraestrutura superior, fatores que **aumentam a probabilidade de continuidade dos negócios**. Já em regiões menos desenvolvidas, desafios como menor densidade de mercado, renda média mais baixa e menor acesso a capital podem elevar a taxa de mortalidade. Adicionalmente, diferenças intra-regionais (por estado ou cidade) também podem ocorrer – por exemplo, cidades com economias diversificadas e dinâmicas (São Paulo, Florianópolis, etc.) podem oferecer um ambiente mais favorável à sobrevivência empresarial do que cidades com economia menos diversificada.
- **Outros fatores:** Além dos acima, estudos apontam diversos outros elementos que podem influenciar a sobrevivência. Características dos

empreendedores (nível de experiência, capacitação gerencial), condições macroeconômicas (inflação, crises), acesso a crédito e capitalização da empresa, nível de inovação, e mesmo fatores legais/burocráticos podem afetar as chances de uma empresa prosperar ou fechar. Por exemplo, o Sebrae identificou que empresas que fecharam tendiam a ter empreendedores menos experientes e menos preparados (maior proporção de negócios abertos por necessidade ou por falta de opção de emprego, menos planejamento e capacitação prévia) sebrae.com.br. Essas fragilidades iniciais contribuem para o insucesso. Já **empresas de alto crescimento** (que ampliam quadros em $\geq 10\%$ ao ano por 3 anos) mostram sobrevivência acima da média e impacto econômico positivo exame.com – ou seja, crescimento rápido e consistente é indicativo de capacidade de sobrevivência (embora também possa aumentar riscos se não houver gestão adequada).

Em suma, **a sobrevivência empresarial é um fenômeno multidimensional**, onde tempo e porte são fatores estruturais importantes, enquanto setor e localização moldam o contexto de mercado em que a firma opera. Compreender esses fatores é crucial para análises preditivas de fechamento e para o desenvolvimento de políticas de apoio que aumentem a longevidade dos negócios.

Bases de Dados Disponíveis para Analisar Sobrevivência de Empresas

Para estudar a probabilidade de fechamento de empresas com diferentes características, é necessário utilizar bases de dados que acompanhem a trajetória das firmas ao longo do tempo. No Brasil, existem diversas fontes de dados – tanto públicas quanto privadas – que fornecem informações sobre abertura, fechamento e características de empresas. A seguir, descrevemos as principais bases e avaliamos se permitem calcular taxas de fechamento segmentadas por porte, setor, região etc., bem como o nível de detalhamento disponível em cada uma. Também destacamos se existe informação estruturada de **histórico de vida das empresas** (datas de abertura e encerramento) e qual o caminho para acesso a esses dados.

IBGE – Demografia das Empresas (Cadastro Central de Empresas)

O IBGE compila, desde 2008, a pesquisa **Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo**, baseada no **Cadastro Central de Empresas (CEMPRE)**. Essa base integrada reúne informações de registros administrativos (principalmente da Rais/Caged/eSocial do Ministério do Trabalho e dados da Receita Federal) sobre as empresas formais. A Demografia das Empresas foca em **empresas empregadoras** (aquelas com pelo menos um funcionário) e **exclui os Microempreendedores Individuais (MEIs)**

agenciadenoticias.ibge.gov.br. As estatísticas publicadas incluem número de empresas ativas, entradas (nascimentos), saídas (mortes) e taxas de sobrevivência ano a ano, cobrindo o universo de empresas formais não-MEI.

Nível de detalhamento: As divulgações do IBGE são geralmente **agregadas**, apresentando totais e quebras por algumas categorias principais. Por exemplo, os relatórios disponibilizam **taxas de sobrevivência por ano de existência**, segmentadas por **porte de empresa, setor de atividade (seção CNAE), unidade da federação/região**, entre outros recortes static.poder360.com.br. Vimos anteriormente exemplos desses detalhamentos: tabela de sobrevivência por faixas de pessoal e texto indicando diferenças setoriais e regionais. No entanto, os dados publicados **são sumarizados** – isto é, o IBGE divulga porcentagens e números totais, mas **não libera microdados da Demografia das Empresas publicamente** por questões de sigilo estatístico. Isso significa que é possível conhecer, por exemplo, a taxa de fechamento de empresas de comércio no Brasil ou a sobrevivência de empresas médias vs. pequenas, mas **não é possível, apenas com as tabelas publicadas, cruzar múltiplas dimensões mais específicas** (por ex.: taxa de fechamento de empresas do comércio no Nordeste, de porte médio, abertas em 2015 – essa combinação exata pode não estar disponível diretamente nas publicações). Em geral, o nível de detalhe para análises por **segmento, porte, região etc. é limitado aos cortes apresentados separadamente**. Os dados **são suficientemente detalhados para análises por categoria isolada** (setor *ou* porte *ou* região, etc.), mas para análises mais finas (segmentadas simultaneamente em várias dimensões) seria necessário acesso aos microdados ou tabulações especiais.

Cálculo de probabilidades de fechamento: As estatísticas da Demografia das Empresas **permitem, sim, calcular probabilidades de fechamento** de forma segmentada nas dimensões fornecidas. Por exemplo, é possível extrair das tabelas do IBGE a **probabilidade de uma empresa fechar em até 5 anos por porte** (como fizemos, ex.: ~39% para empresas de 50+ empregados) ou a **taxa anual de mortalidade por setor**. Essas probabilidades derivam das **taxas de sobrevivência** divulgadas. Além disso, o IBGE publica também a taxa de entrada e saída anual (percentual de empresas que entraram ou saíram do mercado em relação ao total ativo), o que dá uma medida geral de mortalidade anual por setor e região exame.com. Contudo, **as fontes do IBGE não fornecem explicitamente um “dataset” com o histórico de cada empresa individual**; em vez disso, disponibilizam as métricas já calculadas em nível agregado.

Histórico de vida das empresas: O IBGE não divulga dados no nível de CNPJ individual, então para obter histórico de abertura/fechamento em microdados, é necessário recorrer a outras fontes (como a Receita Federal ou Rais, descritas a

seguir). Resumindo, a Demografia das Empresas **oferece ótimas estatísticas consolidadas** para entender tendências gerais e comparar categorias de empresas, respondendo perguntas do tipo “qual a porcentagem que fecha em X anos, por porte ou setor”. Entretanto, para análises muito específicas ou modelos preditivos detalhados, pode ser insuficiente por não permitir combinações mais granulares de atributos sem acesso interno aos dados.

Ministério do Trabalho – RAIS e CAGED/eSocial

Rais (Relação Anual de Informações Sociais) e **Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados)** são bases administradas pelo governo (Ministério da Economia/Trabalho) que registram informações de emprego formal. A **Rais** é um censo anual de todos os vínculos empregatícios formais no Brasil, declarado pelas empresas. Já o **Caged** (substituído recentemente pelo eSocial/Novo Caged) registrava admissões e desligamentos de empregados mensalmente. Essas bases são ricas para análise de empresas **empregadoras** ao longo do tempo.

- **RAIS como fonte de sobrevivência:** A Rais contém, a cada ano, a relação de todos os estabelecimentos e empresas com empregados, junto com atributos como **CNPJ**, CNAE (setor), município, número de empregados, massa salarial etc. Assim, é possível **reconstruir o histórico de uma empresa ano a ano** verificando em quais anos ela aparece na Rais e com quantos funcionários. Se uma empresa consta na Rais em um ano e deixa de constar nos anos seguintes (sem reaparecer), isso geralmente indica que ela encerrou as atividades (ou pelo menos deixou de ter funcionários, podendo estar inativa). Portanto, com microdados da Rais, pode-se calcular diretamente a duração de vida de empresas empregadoras, além de segmentar por qualquer variável disponível (porte de pessoal, setor, região, etc.). De fato, o próprio IBGE usava historicamente os dados da Rais para compor o CEMPRE e calcular a Demografia das Empresas agenciadenoticias.ibge.gov.br.
- **CAGED/eSocial:** O Caged fornecia movimentos mensais de emprego, permitindo detectar aberturas de estabelecimentos (quando um CNPJ passa a ter suas primeiras admissões) e encerramentos (quando ocorre a demissão de todos os funcionários com motivo de fechamento, por exemplo). Com a migração para o **eSocial/Novo Caged**, esses dados continuam existindo, embora com metodologia diferente. Em tese, o Caged poderia dar um **alerta mais imediato** de fechamento (ex.: se uma empresa demitiu todos funcionários e informou motivo “fechamento” ou não voltou a contratar), enquanto a Rais confirmaria no fechamento do ano que aquela empresa não tem mais vínculos ativos.

Nível de detalhamento: RAIS e Caged são bases microdados (registro por estabelecimento/vínculo) e **extremamente detalhadas**. Permitem cruzamentos e segmentações em qualquer nível – por exemplo, é possível filtrar “empresas do setor X, de porte Y, localizadas no Nordeste, abertas no ano Z” e analisar sua sobrevivência. A limitação dessas fontes é que **cobrem apenas empresas com funcionários formais**. Empresas sem empregados (ex.: um sócio sem vínculo trabalhista ou MEI sem empregados) não aparecem na Rais. Porém, como a pergunta foca em empresas com >50 funcionários, isso não é um problema – essas certamente estão na Rais. Em resumo, a Rais/Caged **permitem calcular a probabilidade de fechamento com base em diferentes características da empresa**, com nível de detalhe bastante alto (segmentação por setor detalhado, por município, faixa de tamanho, etc.), pois se tem dados individualizados.

Histórico de vida das empresas: Usando dados ano a ano da Rais, pode-se inferir o **ano de nascimento** (primeiro ano em que aparece com empregados) e **ano de fechamento** (último ano em que aparece, assumindo que depois não volta). Não há um campo explícito de “data de encerramento” na Rais, mas a presença/ausência anual serve para esse fim. Vale notar que a Rais identifica estabelecimentos e também consolida por empresa raiz CNPJ, permitindo analisar no nível empresa consolidada ou unidade local. Portanto, a Rais é efetivamente um **dataset com histórico de vida das empresas empregadoras**, embora não contenha empresas sem nenhum empregado.

Acesso aos dados: O ponto desafiador é que **os microdados da Rais não são plenamente abertos ao público em geral**, devido a questões de privacidade e sigilo (contêm informações de pessoas e empresas). O governo disponibiliza alguns *microdados anonimizados da Rais* de anos recentes, mas costuma agregá-los por estabelecimentos de forma que não é trivial reconstruir o histórico de cada CNPJ. Pesquisadores podem, contudo, solicitar acesso via convênios ou utilizar plataformas seguras do governo para pesquisa. Alternativamente, existem iniciativas como a **Base dos Dados (basedosdados.org)** que oferecem datasets tratados da Rais (sem dados pessoais, mas com contagens de empregados por CNPJ, por exemplo). Essas iniciativas podem permitir acesso indireto a parte das informações da Rais para análise. Em suma, **a Rais é altamente detalhada e adequada para análises de sobrevivência por segmento/porte/região**, mas requer esforço para obtenção dos dados brutos. As estatísticas do IBGE já derivam em grande parte dela, então para muitos casos as publicações do IBGE podem ser suficientes sem precisar trabalhar diretamente com Rais.

Receita Federal – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ)

A Receita Federal mantém o **Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica**, que registra todos os CNPJ (empresas e outras entidades) no Brasil, incluindo informações

cadastrais importantes: **data de abertura, código de situação cadastral** (ativa, baixada, inapta etc.), **data de eventual baixa (encerramento), CNAE principal, natureza jurídica, porte fiscal** (ME, EPP, Lucro Presumido, etc.), **UF e município**, entre outros dados. Importante: esse cadastro abrange *todas* as pessoas jurídicas registradas, incluindo empresas sem funcionários, MEIs, empresas inativas, etc.

Dados abertos do CNPJ: A RFB disponibiliza publicamente uma base de dados abertos do CNPJ (atualizada periodicamente), que pode ser baixada por qualquer interessado [githhub.com](https://github.com/githhub.com). Essa base consiste em múltiplos arquivos (geralmente por estado) contendo os campos públicos de cada CNPJ. Com ela, é possível extrair, por exemplo, **todas as empresas constituídas em um certo ano e verificar quais estão ativas ou já foram baixadas, e quando**. Ou seja, é um **dataset que contém o histórico de vida das empresas** de forma explícita: a data de constituição e a data de encerramento (baixa), quando ocorreu.

Nível de detalhamento: Os dados do CNPJ são **granulares ao nível de empresa individual**. Isso permite calcular taxas de fechamento com muita flexibilidade. Por exemplo, podemos filtrar “empresas (exceto MEI) abertas em 2015 com porte X e CNAE Y” e calcular quantas ainda estavam ativas após 1, 2, 5 anos, etc., com base no campo de situação cadastral. Foi exatamente essa abordagem utilizada no estudo da empresa de dados *Datlo*, que **analisou empresas fundadas em 2014 acompanhando sua situação até 2024 usando dados oficiais da Receita Federal** datlo.com. Cada ano, verificava-se quantas do grupo original permaneciam “não baixadas” (ativas) para calcular a taxa de sobrevivência ano a ano datlo.com. Assim, a fonte da RFB **permite calcular probabilidades de fechamento por diversas características**, já que podemos agrupar as empresas por setor, região, porte, etc. A limitação é que **algumas variáveis de interesse (como número de funcionários ou faturamento anual)** não constam no cadastro do CNPJ. No entanto, há **indicadores de porte**: por exemplo, campos que indicam se a empresa opta pelo Simples Nacional, se é ME/EPP, ou seu capital social – dados que podem servir como proxies de tamanho. Para >50 funcionários especificamente, teríamos que cruzar com outra base ou assumir que empresas com >50 empregados normalmente não são optantes do Simples e têm natureza jurídica de médio/ grande porte. De qualquer forma, o CNPJ **fornece o essencial: datas de nascimento e morte das empresas**.

Cálculo e segmentação: Usando o cadastro de CNPJ, consegue-se **segmentar por CNAE (setor) e UF/município facilmente**, pois esses campos estão presentes. Consegue-se também separar por natureza jurídica (por exemplo, excluir MEIs – que têm naturezas jurídicas específicas de empresário individual optante pelo SIMEI). Portanto, **o nível de detalhe é suficiente para análises por segmento, porte (exceto pelo aspecto de funcionários, que não consta), região**

etc., com a ressalva de que porte em termos de empregados precisaria ser inferido ou complementado. Mas se interessar porte em termos de categoria fiscal (ME/EPP vs grande), isso consta ou pode ser inferido via Simples Nacional.

Histórico de vida das empresas: Como dito, essa base **é ideal para obter o histórico (ano de abertura e data de encerramento)**. Cada registro de empresa traz a data de início e, se a empresa já foi encerrada oficialmente, a data de baixa. Assim, existe explicitamente o “tempo de vida” de cada CNPJ registrado. Um cuidado: nem sempre todas as empresas fechadas são **baixadas imediatamente** – há casos de firmas que ficam inativas sem dar baixa formal, constando como ativas no cadastro mas sem operação real. Ainda assim, o status “ativa/inativa” pode ser utilizado (a RFB tem status de inaptidão por não declarar, etc., que também pode indicar encerramento de fato). Em suma, o cadastro do CNPJ **é uma fonte primária e estruturada para análise de sobrevivência empresarial**, abrangendo todos os casos (com ou sem empregados), com possibilidade de exclusão de MEIs ou outros perfis.

Acesso aos dados: Os dados abertos do CNPJ podem ser baixados do portal de dados abertos da Receita Federal github.com ou via serviços de terceiros (há projetos no GitHub e iniciativas civis que facilitam o carregamento desses dados em bancos de dados relacionais youtube.com). O volume de dados é grande (milhões de registros), mas já existem ferramentas e bases tratadas (como a plataforma **Base dos Dados**) que disponibilizam essa base já limpa para consulta SQL ou via API. Assim, do ponto de vista de viabilidade, **obter a base do CNPJ** é um dos caminhos mais diretos para quem deseja conduzir uma análise aprofundada de sobrevivência, especialmente integrando com atributos cadastrais.

Sebrae e Outras Pesquisas Especializadas

O **Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas)** não é uma fonte primária de dados brutos, mas sim uma instituição que realiza **estudos e levantamentos** sobre pequenos negócios, frequentemente utilizando as fontes acima (RFB, IBGE) e pesquisas próprias. Por exemplo, o Sebrae publicou relatórios periódicos de **Sobrevivência de Empresas** ao longo da última década, analisando coortes de empresas com até 2 anos e até 5 anos de atividade. Esses relatórios combinam dados secundários com **pesquisas de campo** (entrevistas com empresários) para identificar causas de mortalidade. No trecho citado anteriormente sebrae.com.br, eles estavam utilizando dados da Receita Federal para calcular taxas de mortalidade de MEIs, MEs e EPPs em 5 anos, complementando com resultados de entrevistas para explicar diferenças. Outro relatório do Sebrae (2013) analisou sobrevivência até 2 anos por setor, e assim por diante.

Nível de detalhamento: As publicações do Sebrae geralmente **apresentam percentuais agregados**, semelhantes aos do IBGE, mas focados no recorte de interesse (pequenos negócios). Algumas informações, como motivos de fechamento, perfil do empreendedor, dificuldades enfrentadas, são obtidas via pesquisa amostral, fornecendo **detalhes qualitativos** que bases administrativas não cobrem sebrae.com.br sebrae.com.br. Porém, os dados quantitativos de sobrevivência que o Sebrae divulga vêm, em grande medida, das bases da RFB ou IBGE. Eles normalmente segmentam por porte (MEI/ME/EPP) e setor, às vezes por UF. O **nível de detalhe para segmentação** é limitado ao que é relevante para pequenos negócios em geral – por exemplo, não há análises para empresas médias/grandes (pois o foco é nas menores).

Uso para cálculo de probabilidades: As informações do Sebrae **permitem entender probabilidades de fechamento nos pequenos negócios**, mas não cobriam empresas com >50 funcionários (a não ser que sejam EPPs). Além disso, os dados são apresentados já consolidados; o Sebrae não fornece microdados de empresas para terceiros. Então, como fonte, o Sebrae é mais útil para **benchmarking e estudos de caso** do que para cálculos personalizados.

Histórico de vida: O Sebrae não mantém uma base própria de histórico de todas as empresas; ele utiliza as fontes governamentais para isso. Portanto, não oferece um dataset estruturado de aberturas/fechamentos – exceto quando ele mesmo extrai essas informações da Receita para fazer suas análises, caso em que se restringe a publicar os achados principais.

Bureaus de Crédito e Dados Privados (Serasa Experian, Quod, Neoway, etc.)

Empresas de informação de crédito e inteligência de dados também são fontes relevantes sobre a situação das empresas. **Serasa Experian, Boa Vista (SCPC), Quod** e empresas de big data como **Neoway** coletam e consolidam uma variedade de dados públicos e privados sobre empresas: registros da Receita (CNPJ), anotações de dívidas, participações societárias, processos judiciais, registros em juntas comerciais, entre outros. Elas oferecem produtos de consulta e relatórios sobre empresas específicas, além de análises agregadas de mercado.

- **Dados disponíveis:** Tipicamente, esses bureaus possuem **indicadores atualizados de situação da empresa** (ativa, baixada, inadimplente, falida, em recuperação judicial, etc.), além de atributos como faturamento estimado (quando disponível), número de funcionários estimado (às vezes com base no FGTS ou fontes como RAIS, se publicadas), histórico de eventos (protestos, mudanças de quadro societário). Muitas dessas empresas compram ou integram os dados públicos (como a base de CNPJ da Receita) em seus sistemas e os enriquecem com informações próprias. Por exemplo, a Serasa Experian sabe quantas empresas estão ativas e

quantas fecharam, pois acompanha o status no CNPJ e outros sinais de atividade (movimentações de crédito, consultas, etc.).

- **Cálculo de probabilidades e segmentação:** Em tese, os bureaus **podem calcular taxas de sobrevivência por setor, porte, região** usando suas bases integradas. Alguns podem até ter **modelos preditivos de risco de fechamento** (como parte de scores de crédito para fornecedores ou bancos avaliarem empresas). No entanto, **essas análises não são publicadas amplamente**. O acesso costuma ser via contratação de serviços ou relatórios específicos. Um exemplo de dado que Serasa divulga publicamente é o número de empresas inadimplentes (inadimplência recorde de 7 milhões de empresas em 2023)serasaexperian.com.br ou estatísticas de falências e recuperações judiciais registradas. Mas estatísticas de mortalidade geral de empresas por perfil não são tão frequentemente liberadas pelos bureaus ao público.
- **Nível de detalhe:** Para um cliente que contrate seus serviços, a granularidade pode ser altíssima (consulta individual de empresas ou obtenção de listas segmentadas). Por exemplo, pode-se adquirir listas de empresas ativas/inativas em determinado setor e região. As ferramentas internas deles, como plataformas de prospecção (p. ex. fornecidas pela Neoway ou pela própria Serasa B2B), permitem filtros por CNAE, porte (faturamento estimado ou faixa de funcionários), região, status, etc., fornecendo **bases segmentadas sob medida**. Portanto, do ponto de vista técnico, **essas empresas têm dados estruturados que permitem cálculo de fechamento e sobrevivência** conforme características, com nível de detalhe elevado.
- **Histórico de vida das empresas:** Sim, em geral os bureaus mantêm histórico de eventos – especialmente a **Serasa Experian**, que conserva informações de quando um CNPJ foi registrado, se/quando foi baixado, e eventos relevantes no meio tempo. Contudo, esses dados de histórico normalmente refletem o que está no CNPJ (Receita) e em fontes públicas; a diferença é que já estão tratados em um banco de dados pronto para consulta. Então, não chega a ser uma fonte nova de informação estrutural de sobrevivência, mas sim uma maneira mais conveniente (paga) de acessar os dados existentes.

Acesso e uso prático: Para um pesquisador ou empresa interessada em obter dados de qualidade sobre vida das empresas, **os bureaus oferecem facilidade e complementos, porém a um custo**. Seria o caso de contratar, por exemplo, um relatório setorial ou acesso a uma plataforma onde pudesse extrair as métricas desejadas. Se o objetivo for um modelo preditivo interno, alguns bureaus

oferecem *datasets* ou *scores* já prontos que indicam a probabilidade de uma empresa entrar em default ou fechar, baseados em modelos de machine learning com múltiplas variáveis. Esses modelos não são públicos, mas sabe-se que **incorporam variáveis como tempo de atividade, histórico de crédito, setor, porte, inadimplência etc.** para atribuir um risco a cada empresa. Em termos de exemplo, bancos utilizam scores do tipo **Serasa PJ** para avaliar clientes empresariais – esse score reflete a probabilidade de insolvência ou fechamento em horizonte de 12 meses, construído sobre grande quantidade de dados proprietários.

Resumindo, as **fontes privadas permitem analisar a sobrevivência com tantos detalhes quanto as públicas (pois derivam delas), e muitas vezes juntam tudo em uma base só**, facilitando cruzamentos. Porém, **não são facilmente acessíveis gratuitamente**, então a viabilidade depende de recursos para aquisição.

Dados com Histórico de Vida das Empresas

Entre as fontes citadas, merece destaque especial a existência de bases que **explicitamente fornecem o histórico completo** de vida das empresas: **a base de dados abertos do CNPJ (Receita Federal)** é a principal delas, contendo diretamente a data de abertura e de encerramento (quando aplicável) de cada empresa. Essa base atende à pergunta (3) – *“Existe algum dataset que contenha histórico de vida das empresas (ex: ano de abertura e data de encerramento)?”* – de forma afirmativa: **sim, o cadastro do CNPJ** é exatamente isso, para todas as empresas formalmente registradas no país. Qualquer análise de sobrevivência ou fechamento pode ser construída a partir dele. Além do CNPJ, outras fontes podem ser usadas para reconstruir história: **a Rais**, como mencionado, permite inferir ano de entrada/saída do mercado para empresas empregadoras; e **bancos de dados de bureaus** mantêm esse histórico compilado. Mas em termos de disponibilidade ampla, o dataset público do CNPJ é o mais direto e abrangente.

Vale ressaltar que o IBGE, internamente, possui o **CEMPRE (Cadastro Central de Empresas)** que também contém o histórico consolidado das empresas (eles atribuem identificadores únicos e acompanham entradas/saídas). Esse cadastro é alimentado por CNPJ, Rais e outras fontes, porém não é disponibilizado externamente em nível micro. Pesquisadores que necessitem de microdados de empresas podem tentar acesso via convênios com IBGE ou via serviços do tipo *FIDEL (Sala de acesso a dados sigilosos)*, mas para muitos propósitos a base aberta da Receita já supre.

Como Acessar ou Adquirir Dados de Qualidade

Respondendo à pergunta (4) – “Qual seria o caminho mais viável para acessar ou adquirir esses dados com boa qualidade?” – destacamos algumas abordagens práticas:

- **Uso de Dados Abertos Governamentais:** O caminho mais **viável e gratuito** para muitos casos é aproveitar os **datasets abertos oficiais**, principalmente o **Cadastro CNPJ da Receita Federal**. Baixar e processar esses dados permite obter indicadores de fechamento/sobrevivência relativamente atualizados. Entretanto, lidar com essa base bruta requer infraestrutura e conhecimento (são milhões de registros, arquivos grandes). Uma alternativa conveniente é usar plataformas como a **Base dos Dados (BD)**, que já carregou e limpou diversos conjuntos governamentais. Por exemplo, a Base dos Dados disponibiliza tabelas do CNPJ e da Rais em seu *datalake*, que podem ser consultadas via SQL sem precisar baixar tudo localmente. Isso **agiliza análises exploratórias** e cálculos personalizados.
- **Dados do IBGE (Demografia das Empresas):** Se o objetivo for informação **macro ou percentuais oficiais segmentados**, utilizar diretamente as **tabelas e relatórios do IBGE** é a forma mais simples. Os relatórios anuais e notícias do IBGE trazem as principais quebras (por setor, região, porte, tempo de vida). Esses dados são de **alta qualidade e metodologicamente consistentes**. Podem ser obtidos no site do IBGE (Agência de Notícias, SIDRA, ou PDFs da Demografia das Empresas). O IBGE também pode fornecer **tabulações especiais ou microdados sob demanda** mediante solicitação formal para pesquisa, embora isso demande tempo e justificativa.
- **RAIS e Novo Caged:** Para análises focadas em **empresas empregadoras e dinâmica de emprego**, buscar acesso aos microdados da Rais pode ser valioso. O governo federal tem liberado alguns dados anonimizados da Rais recente (p.ex., via portal gov.br/dados, podem existir arquivos de estabelecimentos com CNPJ mascarado). Ainda assim, pelo nível de detalhe necessário (CNAE, localização, etc.), o ideal é conseguir acesso identificado. Universidades e institutos de pesquisa às vezes obtêm via acordos. Se isso não for possível, novamente a **Base dos Dados** ou o **IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)** podem ter extratos já prontos. Outra opção é usar informações agregadas já publicadas pelo Ministério da Economia – por exemplo, boletins que mostram distribuição de empresas por faixa de emprego e taxas de entrada/saída, embora estes sejam menos comuns.
- **Aquisição de Dados de Bureaus:** Se houver orçamento e necessidade de informações altamente atualizadas ou enriquecidas (como indicadores de

saúde financeira, crédito, etc.), **contratar dados de um bureau** pode ser o caminho. Por exemplo, a Serasa Experian comercializa pacotes de dados de marketing que incluem listas de empresas ativas segmentadas por perfil – esses pacotes podem ser usados para inferir quem está ativo ou não em determinado segmento. A **Neoway** fornece acesso via plataforma onde o usuário pode filtrar e extrair atributos de empresas (inclusive marcando se estão ativas ou não, seu último faturamento estimado, etc.). Esses métodos pagos podem fornecer **excelente qualidade e atualização**, mas devem ser ponderados quanto ao custo.

- **Sebrae e Instituições de Fomento:** O Sebrae, sendo uma instituição de apoio, às vezes disponibiliza **estudos setoriais e levantamentos regionais** sob demanda, ou colabora em projetos de pesquisa fornecendo dados que tenha tratado. Por exemplo, alguns escritórios estaduais do Sebrae divulgam boletins (“Sebrae em Números”) com estatísticas locais de abertura/fechamento de empresas sebraepr.com.br. Entrar em contato com o Sebrae ou participar de programas pode abrir acesso a informações específicas que eles possuam.

Em termos de **qualidade**, as fontes governamentais (IBGE, RFB, Rais) são as mais confiáveis, pois cobrem todo o universo formal e seguem conceitos padronizados. A principal atenção ao usar esses dados brutos é aplicar **filtros corretos** – por exemplo, para **excluir MEIs** (que no CNPJ podem formar uma grande parcela dos registros pós-2010 e possuem dinâmica distinta), ou tratar mudanças de CNAE e de cadastro (uma empresa pode mudar de setor ao longo dos anos, ou dividir-se em filiais). Já as fontes privadas frequentemente já cuidam de algumas consolidações (por exemplo, unificar histórico de uma empresa que mudou de CNPJ raiz por transformação societária). Dependendo do rigor necessário, pode valer a pena cruzar múltiplas fontes: usar o **CNPJ da Receita para obter as datas**, e a **Rais para verificar quantos funcionários tinha**, por exemplo. Essa combinação daria altíssima precisão para focar especificamente em “empresas brasileiras com >50 funcionários e sua sobrevivência”.

Resumo dos caminhos viáveis: Para um pesquisador ou analista hoje (2025) interessado no tema, um fluxo eficiente seria: começar examinando as **publicações do IBGE e Sebrae** para entender as tendências gerais e obter referências; em seguida, utilizar a **base de dados do CNPJ** (facilitada por alguma ferramenta como a Base dos Dados ou bibliotecas Python de dados abertos) para extrair as coortes de empresas desejadas e calcular as taxas de fechamento segmentadas pretendidas; se necessário, integrar com **dados da Rais** (por exemplo, via Base dos Dados, que tem tabelas da Rais com número de empregados por CNPJ) para filtrar por porte de pessoal; e, caso precise de

detalhes adicionais (como informações de balanço, crédito, motivos de fechamento), considerar bases do **Sebrae (surveys)** ou **dados privados**. Esse approach garante **boa qualidade** porque aproveita registros oficiais primários e, ao mesmo tempo, permite riqueza de análise.

Exemplos de Estudos e Modelos Preditivos no Brasil

Vários estudos já foram realizados no Brasil examinando a sobrevivência de empresas, seja para entender os determinantes, seja para criar modelos de previsão de risco de fechamento. Destacamos alguns exemplos relevantes que utilizam as bases de dados mencionadas:

- **Relatórios IBGE – Demografia das Empresas:** São estudos descritivos anuais que provêm uma análise abrangente da dinâmica de nascimento e morte de empresas. Eles não são modelos preditivos, mas estabelecem **indicadores históricos** que podem ser utilizados em modelos. Por exemplo, a constatação de que apenas ~22% das empresas chegam a 10 anos downloads.fipe.org.br ou que empresas com mais funcionários sobrevivem mais static.poder360.com.br são insights que alimentam análises de risco. Esses relatórios servem de base para muitas outras pesquisas e políticas públicas.
- **Estudos Sebrae sobre Mortalidade:** O Sebrae publicou diversos **relatórios de sobrevivência** (2011, 2013, 2016, 2020 etc.), frequentemente em parceria com entidades como DIEESE. Esses estudos não só quantificam a taxa de mortalidade dos pequenos negócios, mas também aplicam métodos estatísticos para identificar fatores de sucesso ou fracasso. Por exemplo, correlacionam capacitação do empreendedor, planejamento e acesso a crédito com maiores taxas de sobrevivência sebrae.com.brsebrae.com.br. O Sebrae também divulgou cartilhas com recomendações para melhorar a sobrevivência, baseadas nesses achados.
- **Análise da FIPE (2023):** A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) publicou em 2023 uma análise da **sobrevivência das empresas 2009-2019** na sua revista de economia aplicada, compilando dados do IBGE e Sebrae. Nesse estudo, eles ressaltam as diferenças regionais e por porte já mencionadas, e destacam que **as taxas de sobrevivência caíram ao longo dos anos** (as coortes mais recentes tendem a ter mortalidade ligeiramente maior que as antigas) downloads.fipe.org.br downloads.fipe.org.br. Esses resultados sugerem um ambiente empreendedor cada vez mais dinâmico e desafiador, e indicam a importância de investigar os fatores por trás da mortalidade.

- **Modelos preditivos acadêmicos:** Há pesquisas acadêmicas focadas em modelos de sobrevivência (survival analysis) aplicados a empresas. Por exemplo, estudos de caso em regiões específicas ou setores: um trabalho publicado na *Revista de Contabilidade e Organizações (USP)* analisou o **risco de sobrevivência de micro e pequenas empresas comerciais** de um município, investigando fatores condicionantes como características do empreendedor e do negócio (usando modelo de riscos proporcionais de Cox) revistas.usp.br. Outro exemplo são dissertações que usam dados da Junta Comercial e de balanços para prever quais empresas têm maior probabilidade de falir. Embora muitos desses trabalhos sejam segmentados, eles mostram a aplicação de técnicas preditivas (regressão logística, árvore de decisão, modelos de survival) para estimar a **probabilidade de uma empresa encerrar atividades em determinado horizonte**, dado um conjunto de variáveis explicativas.
- **Modelos de Credit Score para PJ:** No âmbito privado, embora os modelos exatos sejam proprietários, sabe-se que bureaus de crédito como Serasa Experian e bancos desenvolvem **modelos de score** que incluem a predição de evento de default ou fechamento. Esses modelos tipicamente usam algoritmos de machine learning alimentados pelos *big data* empresariais (tempo de existência, histórico de pagamento, setor, porte, tendências de endividamento, ocorrências negativas etc.). Por exemplo, se uma instituição financeira quiser antecipar o risco de uma PME encerrar atividades (o que impactaria o não pagamento de empréstimos), ela pode treinar um modelo sobre um dataset histórico de empresas que tomaram crédito – marcando quais acabaram fechando ou inadimplindo – para aprender os padrões associados a fracasso. Não há publicação aberta desses modelos, mas eles certamente se apoiam nas mesmas variáveis discutidas (idade da empresa, setor, indicadores financeiros, ambiente macro). Portanto, ainda que **implícito**, há um vasto uso de dados de sobrevivência em modelos preditivos na área de crédito e investimento.
- **Análise de mercado por empresas de dados:** O exemplo já citado do **Datlo** é ilustrativo de iniciativas privadas que usam dados públicos para gerar inteligência. Eles produziram um relatório destacando os **segmentos com maior e menor longevidade de empresas entre 2014-2024**, provavelmente como conteúdo de marketing para demonstrar sua ferramenta datlo.com. Esses resultados batem com os do IBGE/Sebrae (setores de utilities e finanças mais resilientes, versus alimentação e varejo mais frágeis) e mostram que **é possível, com dados disponíveis, replicar e atualizar análises de sobrevivência** sem esperar pelas publicações oficiais anuais.

Em conclusão, existe no Brasil uma **base robusta de conhecimento** sobre a probabilidade de fechamento de empresas, construída tanto por órgãos oficiais (IBGE, Ministério da Economia) quanto por entidades de apoio (Sebrae) e pesquisa acadêmica. As bases de dados para aprofundar esse tema estão acessíveis em grande parte, permitindo calcular indicadores sob diferentes recortes. Para empresas de porte mais elevado (>50 funcionários), os dados sugerem perspectivas de sobrevivência melhores que a média, mas ainda assim dependentes de um ambiente de negócios favorável e de características intrínsecas (setor, gestão, etc.). **Combinar as fontes de dados disponíveis** – por exemplo, usar o cadastro da Receita para acompanhar encerramentos e a Rais para qualificar o porte e trajetória – é o caminho recomendado para obter análises ricas e confiáveis. As informações agregadas indicam sim que é possível **calcular probabilidades de fechamento baseadas em diferentes características** e com detalhe suficiente, desde que se use a fonte adequada para cada necessidade (macro x micro). Com os dados corretos em mãos, também é possível desenvolver **modelos preditivos** para estimar o risco de uma empresa encerrar as atividades em determinado período, algo de grande utilidade para investidores, credores e formuladores de políticas de desenvolvimento empresarial.

Referências Utilizadas:

- IBGE – *Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo 2022*. Dados de sobrevivência por ano, porte, setor e região
static.poder360.com.brstatic.poder360.com.br.
- Agência IBGE Notícias. “Em 2021... saldo de empresas que entraram e saíram...” – Estatísticas de entradas, saídas e exclusão de MEIs
agenciadenoticias.ibge.gov.bragenciadenoticias.ibge.gov.br.
- Exame.com. “60% das empresas não sobrevivem após cinco anos...” (05/12/2024) – Resumo dos resultados da Demografia das Empresas 2022
exame.comexame.com.
- Sebrae. “A taxa de sobrevivência das empresas no Brasil” (2023) – Pesquisa Sebrae sobre mortalidade de pequenos negócios
sebrae.com.brsebrae.com.br.
- FIPE – *Boletim Economia Aplicada dez/2023*. Artigo sobre sobrevivência de empresas 2009-2019, com taxas regionais e citações de dados Sebrae
downloads.fipecom.brdownloads.fipecom.br.
- Datlo Blog. “Taxa de Sobrevivência das Empresas: quais os segmentos com maior longevidade?” (2024) – Análise utilizando dados da Receita Federal para cohort 2014
datlo.comdatlo.com.

- Revista de Contabilidade e Organizações (USP). “*Risco de sobrevivência de micro e pequenas empresas comerciais*” – Exemplo de estudo acadêmico de fatores de sobrevivência em nível regional revistas.usp.br.